

MORTE EM VIDA, UM DESEJO NÃO DESEJANTE: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA.

DHIENE APARECIDA PEREIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR

MORTE EM VIDA, UM DESEJO NÃO DESEJANTE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.

Este resumo apresenta as considerações do relato de experiência, atividades e intervenções do Estágio Supervisionado Específico II do curso de Psicologia realizadas durante o ano letivo de 2015, com usuári@s de um Centro de Referência em HIV/AIDS e Hepatites Virais.

A princípio o trabalho correspondia a acompanhamento domiciliar de uma usuári@ acamada há dez anos devido a AIDS, a problemática apresentada se referia a relação familiar, os cuidados com @ usuári@ parecia dificultar a vida de todos a sua volta, o que por sua vez refletia em seu tratamento. No entanto, no decorrer do processo além da demanda apresentada pel@ usuári@, não corresponder às estratégias empregadas, a relação com a equipe, reticente a novas possibilidades de vidas, desejos e devires, engessadas em praticas pautadas em dogmas e moralismos religiosos próprios, afetavam o desenvolvimento de um trabalho ético, que contemplasse as especificidades e necessidades d@s usuári@s. Por outro lado a (des) construção de formas de se fazer Psicologia atravessou dolorosamente o corpo acadêmico inserido nesse território que até então era desconhecido, muit@s d@s usuári@s do centro são considerados como corpos abjetos, marginalizados, que não estão inseridos no seio social e acadêmico que pertencemos, e o contato com esses sujeitos era mínimo, para não se dizer inexistente, a graduação permitiu esse conhecimento na prática, sentido na pele, saímos do banco da academia para estar no território d@ usuári@, a construção profissional foi sendo moldada pela teoria e como base utilizou a teoria queer e filosofia da diferença, as orientações profissionais e vivencias que afetaram de forma angustiante durante todo o processo de estágio.

Claramente, não com intensidade se quer parecida com o desejo não desejante apresentado pel@ usuári@ na morte, principalmente enquanto possibilidade de resolução, para não mais se sentir um “peso” para os familiares, esse desejo era constante em todos e gerava angustias e sofrimentos principalmente n@ usuári@, ao mesmo tempo em que se lutava pela vida d@ usuári@ a verbalização explícita da insatisfação de ter que zelar por ela á calava, reforçando o pensamento de que @ própri@ era sim um empecilho nas suas vidas, à morte apresentava-se como uma possibilidade esperada de liberdade, para essas vidas ainda limitadas pela presença da patologia. Ter acesso @ usuári@ levou algum tempo, e era doloroso perceber como o desejo de voltar a ser um corpo potente, com vida, era anulado, abafado, recapturado todos os dias pelos discursos normatizadores presentes na residência, e como a aceitação desse discurso gerava a culpa n@ usuári@ e a aceitação como se esse fosse o resultado de uma conduta errônea.

No fim do processo as estratégias foram ampliadas, a equipe foi forçada a ouvir as necessidades d@ usuári@ enquanto sujeito de direitos, a acionar outros dispositivos de auxílio e ajuda a essa família e principalmente @ usuári@ que estava em

¹ O uso do símbolo arroba (@) durante toda a execução deste trabalho segue uma perspectiva de escrita feminista, conforme proposto no trabalho da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi (UFSC). Tal perspectiva visa buscar, também na escrita, a igualdade entre os gêneros, de modo que, quando nos referirmos a pessoas tanto do sexo feminino quanto do masculino, estaria aí contemplado tanto um quanto o outro, em oposição à linguagem padrão na qual o masculino serve para englobar homens e mulheres. Ou, como dirá Andrea Lacombe, ao mesmo tempo, “constitui igualmente uma maneira de evidenciar o efeito da linguagem na construção de percepções binárias tais como masculino e feminino, que deixam de fora outros arranjos de gênero que não se encaixam nessas duas possibilidades.” (LACOMBE, 2010, p. 7)” (TEIXEIRA-FILHO, 2013, p. 13)

sofrimento psicológico. Os afetos atravessados, as angustias, a impotência diante a procedimentos equivocados, as frustrações, a impossibilidade de fazer, contaminou o corpo acadêmico a produzir um corpo engajado que escuta, que acolhe e luta pela dignidade das formas de vida, pela visibilidade, pelo direito a existência, sendo ela qual esse corpo entender que deseja para si, um corpo que faz Psicologias.

Palavras chave: Psicologia; Afetações; HIV/AIDS; Relação familiar;